

A leitura e a pesquisa de fontes escritas em história da Educação

The reading and research of written sources in the history of Education

DOI:10.34117/bjdv7n4-131

Recebimento dos originais: 07/03/2021

Aceitação para publicação: 06/04/2021

Anna Paula de Jesus Almeida

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá. Licenciada em Pedagogia. Integrante do Grupo Transformações Sociais e Educação na Antiguidade e Medievalidade (GTSEAM).

Educadora Infantil no Centro Municipal de Educação Infantil Nadyr Penteadó Virmond

Endereço: Avenida Colombo, 5790, Maringá, PR-Brasil

E-mail: annapaulajesusalmeida@gmail.com

Terezinha Oliveira

Pós-Doutora em História e Filosofia da Educação. Líder do Grupo de Pesquisa

Transformações Sociais e Educação na Antiguidade e Medievalidade (GTSEAM).

Prof.^a Titular do Departamento de Fundamentos da Educação e da Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá. Bolsista de Produtividade 1C/CNPq.

Endereço: Avenida Colombo, 5790, Maringá, PR-Brasil

E-mail: teleoliv@gmail.com

RESUMO

O objetivo desse texto é refletir a respeito da leitura e da maneira como essa prática impacta a análise de fontes para o desenvolvimento de pesquisas no campo da História da Educação. Assim, a justificativa desse texto pauta-se na possibilidade de pensarmos a respeito da formação de leitores, mais especificamente o leitor de fontes escritas, que produzirá pesquisas no campo da história da educação. Nesse sentido, a fonte que embasa esse texto é a obra do mestre medieval Pedro Abelardo (1079-1142), “Sim e Não”. Essa é uma pesquisa de cunho bibliográfico e, a fundamentação teórica que dá suporte aos nossos estudos é a História Social, tendo por base os princípios de totalidade e longa duração. Os resultados obtidos por meio da pesquisa relacionam-se com a afirmação de que, só por meio da formação teremos leitores diligentes da sociedade e das obras e fontes que amparam sua pesquisa. Concluímos assim que, pensar a formação dos leitores por meio do “Sim e Não”, nos permite entrar em contato com o desenvolvimento do método escolástico, empregado posteriormente nas universidades do século XIII, além de contribuir para os estudos em história da educação na Idade Média.

Palavras-Chave: História da Educação na Idade Média, Sim e Não, Pedro Abelardo, Século XII.

ABSTRACT

The purpose of this text is to reflect about reading and the way this practice impacts the analysis of sources for the development of research in the field of History of Education. Thus, the justification of this text is based on the possibility of thinking about the formation of readers, more specifically the reader of written sources, who will produce

researches in the field of history of education. In this sense, the source on which this text is based is the work of the medieval teacher Peter Abelard (1079-1142), "Yes and No". This is a bibliographical research, and the theoretical basis that supports our studies is Social History, based on the principles of totality and long duration. The results obtained through the research are related to the statement that, only through education will we have diligent readers of society and of the works and sources that support their research. We thus conclude that, thinking about the formation of readers through "Yes and No", allows us to get in touch with the development of the scholastic method, later employed in the universities of the 13th century, besides contributing to the studies on the history of education in the Middle Ages.

Keywords: History of Education in the Middle Ages, Yes and No, Peter Abelard, 12th Century.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo desse texto é refletir a respeito da leitura e da maneira como essa prática impacta a análise de fontes, realizada pelos estudiosos do campo da história da educação, assim, a fonte desse estudo é a obra de Pedro Abelardo¹ (1079-1142), "Sim e Não"², escrita "[...] provavelmente entre os anos de 1121 e 1132 [...]" (SILVA, 2008, p. 28).

Acreditamos, com isso, ser pertinente tratar da especificidade do trabalho com fontes, especialmente as escritas, pois o material que é base para esse estudo trata-se de uma fonte escrita e, a forma como realizamos a leitura dessa fonte, tende a ser o fator que precisará nossa visão e apreensão da mesma. Para isso, o pesquisador deve ter clareza ante a leitura e os pressupostos que guiam o desenvolvimento de sua pesquisa, pois, são essas características que guiarão a leitura de determinado documento.

Nesse sentido, a perspectiva teórico-metodológica que embasa este estudo é a História Social, pois acreditamos que esta contribui para a construção de uma análise totalizante do homem no tempo³. É essa análise totalizante que nos auxilia a observar o passado, tendo em vista compreender as particularidades constituintes do processo histórico, que se efetiva por meio da ação do homem (SANTIN, 2018).

¹ Pedro Abelardo foi um importante professor do século XII. Nasceu no ano de 1079 em Palais na Bretanha e, faleceu no ano de 1142 em Cluny. É autor de obras como História das minhas calamidades, Lógica para Principiantes e Tratado das Intelecções.

² A tradução da obra Sic et Non utilizada, foi feita pelo professor Dr^o. Luis Alberto De Boni e, está presente na coletânea Filosofia Medieval.

³ Quando utilizamos o termo análise totalizante, estamos nos referindo a constituir uma percepção histórica que, observe as ações dos homens em todos os seus espectros (político, econômico, educacional, entre outros), com o intuito de perceber de que forma essas características influenciam-se, para não observar os processos históricos de maneira isolada. Assim, compreender a história por meio de uma perspectiva de totalidade, passa necessariamente por uma apreensão do fazer dos sujeitos ao longo do tempo e, sua relação com as mudanças sociais, tendo que, a história se ocupa do estudo do homem no tempo (BLOCH, 2001).

Dessa forma, refletir a respeito da formação humana por meio de uma visão totalizante, estaria relacionado à maneira como os conhecimentos que recebemos, influenciam nossa forma de agir e estar no mundo. A compreensão dos processos históricos por meio de uma visão de totalidade, auxiliariam nesse sentido a observarmos o homem (que é o objeto de estudo da história), diante de um caminho de longa duração.

A longa duração é, assim, a característica que possibilita ao pesquisador construir relações entre seu objeto e o passado. Mesmo que esse objeto esteja situado em um passado distante, observamos que a efetivação de estudos como esse, possibilitam realizar uma reflexão a respeito do ato de ler, tendo em vista a tradição de conhecimento que embasou o desenvolvimento da sistematização de uma forma de ‘fazer pesquisa’, no início do século XII.

Isto se dá porque a fonte apresentada nesse texto, expressa o princípio da sistematização do que viria a ser efetivamente, o método escolástico empregado nas universidades do século XIII que, desenvolveram-se a partir das escolas do século XII, nas quais, o autor do “Sim e Não”, Pedro Abelardo estivera inserido.

Com isso, ao observarmos a leitura como fase inicial do processo de aquisição de um dado conhecimento, percebemos o quanto o ato de ler impacta o desenvolvimento de uma pesquisa e, conseqüentemente, em que medida esse ato afeta a formação do sujeito pesquisador, especificamente e, no caso desse estudo, a do leitor de fontes.

2 O SIM E NÃO: A FORMAÇÃO DE LEITORES NO SÉCULO XII

O aprendizado da leitura permite a pessoa acessar a cultura letrada e, não só isso, mas também agir conscientemente no mundo. Essa característica está presente na formação dos alunos de nosso tempo, mas, não se circunscreve apenas ao nosso presente. No início do século XII, observou-se também essa necessidade por meio da obra “Sim e Não”, escrita por Pedro Abelardo (1079-1142).

Formar leitores no período em que esse mestre viveu relacionava-se à necessidade que se tinha de dar ao aluno a capacidade de aprender e discutir os conteúdos filosóficos então debatidos. Dessa forma, Martines (2019, p. 02) observa que: “[...] ler não é apenas a assimilação gramatical do texto (sintaxe e léxico), mas o esforço de compreender o que é dito”.

Dessa maneira e, observando essa afirmação, cabem alguns questionamentos: Quando lemos compreendemos, com clareza, o conteúdo de um determinado texto? Com base nessa compreensão, temos o entendimento de que será necessário ter cuidado ao

escrever, com vistas a alcançar os leitores que acessam o material por nós produzido (trabalhos, artigos, dissertações, teses)?

Pensar essas questões é pertinente, pois, no momento da leitura, estamos construindo conhecimento por meio da reflexão, que é uma operação subjetiva. Desse modo, quando lemos estamos promovendo um enriquecimento em nossa capacidade reflexiva que, em última instância, nos torna humanos.

Professores como Abelardo atentaram, entre outras coisas, a como a atividade de leitura, realizada por seus alunos se efetivaria. Seria essa ação de ler a propiciar o contato com os textos que embasariam o método escolástico que, teve o princípio do seu desenvolvimento no século XII. Esse método tinha por base a *quaestio* para o desenvolvimento das discussões, no entanto, essa forma de desenvolver questões fora empregada por autores anteriores a Abelardo.

Com isso, Martines (2019) atribui a Boécio (480 – 524) o início do desenvolvimento do método escolástico, dessa forma, esse método está pautado naquilo que Boécio denominou *quaestio* “[...] no sentido de uma *propositio dubitalis*, isto é, uma proposição cuja formulação apresenta uma dúvida e cujos membros formam uma contradição” (MARTINES, 2019, p. 03 – grifos do autor). Anselmo de Cantuária (1033-1109) também empregou o vocábulo *quaestio* e, para esse autor essa palavra “[...] está relacionado com um problema a ser resolvido, o qual é interno à própria argumentação ou, em certos casos, provém de uma dificuldade externa e serve como um tópico de reflexão” (MARTINES, 2019, p. 03).

Compreendemos dessa forma que, o preceito utilizado por Boécio, foi empregado por Anselmo e aprofundado por Abelardo no “Sim e Não”, que Martines (2019, p. 03) considera como sendo “[...] uma obra pioneira no estabelecimento do método escolástico”. É em face desse aprofundamento realizado por Abelardo em sua obra, que afirmamos a respeito do desenvolvimento do método escolástico no século XII.

Podemos assim, observar o “Sim e Não” de Abelardo, como obra que auxilia e direciona a formação de leitores atentos, mas, também, como material que exemplifica a sistematização do desenvolvimento do método escolástico (MARTINES, 2019). A *quaestio* tinha assim lugar de destaque no desenvolvimento dos saberes, sendo realizada por meio da apresentação de asserções contrárias que eram solucionadas por meio do emprego da argumentação dialética.

Nesse sentido, o confronto de opiniões possibilitaria chegar a uma ‘verdade’, tendo em vista aclarar argumentos e construir dessa maneira, conhecimento, com base no questionar constante, que é o primeiro motor para o desenvolvimento de uma pesquisa.

No “Sim e Não”, essa característica de indagar é premissa fundamental para compreender uma determinada discussão e, nesse sentido, a leitura ganha papel de destaque, pois o leitor só poderá encontrar uma solução para os problemas de seu estudo, ao atentar-se para as palavras e frases que, por sua vez, formavam um texto no século XII.

Com isso, no “Sim e Não”, percebemos em Abelardo o exame de ideias diferentes a respeito de um mesmo assunto e o autor busca sanar essas divergências, analisando as palavras e o que cada uma delas significa nas proposições. Por isso, na introdução dessa obra, Abelardo afirma “Na profusão de palavras, até os ditos dos santos parecem às vezes que não só diferem entre si, como também que entre si se opõem” (PEDRO ABELARDO, 2000, p. 116).

Como já afirmado, percebe-se logo no início do “Sim e Não” que Abelardo estava preocupado em observar de que maneira as proposições apresentadas pelas autoridades⁴ estariam sendo dissonantes de alguma forma. Assim, Abelardo prossegue, “O que mais nos impede de chegar à comunicação é o modo inusitado de locução e muitas vezes também o significado diferente das palavras, quando a mesma palavra é usada uma vez num sentido, outra vez noutra” (PEDRO ABELARDO, 2000, p. 116).

Nota-se, com isso, a importância que a compreensão dos termos tem para Abelardo. A formação dos leitores tinha nesse sentido papel crucial. Com isso, é preciso, ter consciência e cuidado ante o conhecimento que se produz, tendo em vista que:

Nos bons mestres deve haver todo empenho em ensinar; por isso, se uma palavra, conforme a gramática latina, fica obscura e ambígua, mas se no modo de falar do povo evita a obscuridade e ambiguidade, não seja ela usada segundo o costume dos doutos, mas segundo o dos incultos (PEDRO ABELARDO, 2000, p. 117).

Por vezes não paramos para pensar nisso, mas, é necessário que tenhamos sempre muita clareza da forma como alcançaremos nosso aluno ou aqueles que entram em contato com nossa produção escrita que, será observada por meio da leitura.

Marc Bloch, em sua obra “Apologia da História”, ressalta a importância de possuir conhecimento, a ponto de “[...] saber falar no mesmo tom, aos doutos e aos escolares”

⁴ Quando empregamos o termo autoridades, estamos nos referindo aos autores e obras que fundamentavam o trabalho escrito por Abelardo.

(BLOCH, 2001, p. 41). Desta maneira, a compreensão do significado das palavras e, por conseguinte, sua escolha para o desenvolvimento de um texto ou mesmo uma exposição oral, deve ser feita tendo em vista a compreensão do leitor e ouvinte das ideias que propomos expressar.

Quando principiamos a reflexão para a construção de um texto ou argumento, o processo mental que se estabelece encontra sentido diante das construções que fizemos, com relação as leituras que foram realizadas. Por isso, ao externar por meio do ensino e da pesquisa nossas ideias temos em nossa mente a construção do desenvolvimento de um processo complexo de abstração.

No “Sim e Não”, percebemos então que Abelardo constrói um caminho investigativo, referente a como chegar a uma explicação plausível para determinadas incoerências por ele estudadas, em textos de autoridades que embasavam o conhecimento do período. E essas incoerências estavam ligadas à leitura e à explanação do conteúdo ministrado.

Que vale a integridade da locução, se a ela não se segue a compreensão de quem ouve? Não existe motivo para falar, se o que falamos não é entendido por aqueles em vista dos quais falamos. Portanto, aquele que ensina, deve evitar todas as palavras que não ensinam (PEDRO ABELARDO, 2000, p. 117).

A compreensão das palavras empregadas deve, portanto, conseguir atingir aqueles que têm acesso às nossas aulas e produção escrita. Com base na pesquisa, devemos conseguir criar leituras de mundo que se aproximem da resolução de problemas. No caso das ciências humanas, formar as mentalidades, pois será a partir disso que constituiremos sujeitos conscientes e críticos.

Nesse sentido, e com base na análise que Abelardo constrói, percebemos nesse mestre como se houvesse a construção de um ‘caminho de pesquisa’⁵. Assim, chama a atenção a observação realizada por Abelardo de que existiam asserções empregadas pelos santos que eram opostas. A partir disso, esse mestre medieval denota que é essencial atender-se para essa característica, a fim de não construirmos interpretações errôneas de um determinado assunto. No caso de Abelardo e do “Sim e Não”, escritos como a própria Bíblia.

⁵ Ao adotarmos aqui a expressão “caminho de pesquisa”, estamos nos referindo à maneira como Abelardo construiu seus argumentos, tendo por base o acesso a outros textos que o embasavam e, por fim, sua análise, ao desenvolver um material que amparava-se na contraposições de ideias.

A maior parte dos escritos apócrifos traz o nome de santos como autores, a fim de, com isto, ganhar autoridade; e alguns textos até mesmo da Bíblia foram corrompidos por erro dos copistas. Por isso, o fiel e veraz interprete, São Jerônimo, nos previne ao dizer: Que evite todos os apócrifos, e quando quiser lê-los, não para conhecer dogmas, mas por reverência aos milagres, saiba que não foram escritos por aqueles a quem o título atribui, e que é obra de grande prudência procurar o ouro no lodo. O mesmo autor, ao tratar do título do salmo 77, que diz: entendido Asaph, comenta o seguinte: Está escrito em Mt (13. 34: 36) como o Senhor falasse em parábolas e eles não entendessem, etc., isto aconteceu ‘para que se cumprisse o foi escrito pelo profeta Isaías: abrirei minha boca em parábolas’. Este texto permanece assim nos Evangelhos até hoje, mas não é de Isaías, e sim de Asaph” (PEDRO ABELARDO, 2000, p. 118-119 – grifos do autor).

Percebe-se nessa citação exatamente o que Abelardo construiu ao longo do “Sim e Não”. O erro dos copistas poderia dar um caráter inautêntico às obras estudadas. No entanto, não só os copistas se equivocaram com relação à autoria de um certo trecho da Bíblia, Jerônimo (347-420) também o fez, mesmo tendo criticado esse erro dos copistas.

Por isso, naquele período, aquele que se debruçasse sobre o estudo de temas relacionados à filosofia e à teologia, precisaria conhecer as diversas compreensões das palavras, dentro do material escrito no qual se leu determinado termo.

Quando dois autores possuem posições divergentes sobre um mesmo assunto, ou uma mesma fonte apresenta opiniões divergentes, cabe investigar qual o contexto em que seus juízos foram emitidos e o valor das significações dos termos aí empregados. A ciência não é o reflexo estático da ordem divina, nem a repetição das teses com valor de autoridade, contudo, é um conjunto de proposições humanas que devem ser aperfeiçoadas (MARTINES, 2019, p. 04).

A construção teológica do período em que Abelardo viveu estaria representada no “Sim e Não” e esse mestre teria procurado melhorá-la tendo principiado sistematizar o método escolástico, que se embasou nas autoridades do conhecimento e, na quaestio para a compreensão e aprofundamento das questões estudadas.

Quando falamos em autoridade do conhecimento, estamos nos referindo, no caso desse estudo, aos autores que deram base para a construção do “Sim e Não”, mas esse conceito é importante não só para essa obra, mas para os autores escolásticos. Os padres da Igreja, como Agostinho de Hipona (354-430) e Jêronimo, assim como obras de autores da antiguidade, que chegaram até o período de Abelardo, por meio de traduções realizadas por autores como Boécio (480-524) (MARTINES, 2019).

Ante a isso, é pertinente afirmar que, Abelardo não estava tecendo ‘críticas’ simplesmente para afrontar os saberes estabelecidos. Em sua obra, estava procurando ampliar o debate e chegar à construção de uma verdade nos estudos realizados. Supomos

nesse sentido que esse percurso realizado auxiliaria os estudantes a terem argumentos válidos nas discussões.

Abelardo então explica como o estudante deverá proceder, a fim de construir uma asserção que mais se aproxime da verdade.

Na maior parte das vezes, encontramos uma fácil solução para as controvérsias, se podemos demonstrar que as mesmas palavras foram usadas por diversos autores com significados diferentes. Por todos estes modos o leitor atento procurará resolver as divergências nos escritos dos santos. Se, apesar disto, a divergência for ainda tão patente que de nenhum modo possa ser resolvida, então as autoridades devem ser cotejadas entre si, sendo preferida a que for de mais forte testemunho e maior solidez (PEDRO ABELARDO, 2000, p. 123).

Percebemos, dessa forma, que houve em Abelardo uma preocupação em exemplificar e demonstrar de que maneira a ‘pesquisa’ para a construção das análises deveria ser direcionada, tendo em vista a construção de um processo fundamentado e meticuloso, com o objetivo de conferir maior credibilidade as declarações que viriam a ser expostas nas aulas.

3 A RELEVÂNCIA DA LEITURA PARA A ANÁLISE DAS FONTES

Percebemos até o momento que a leitura tinha papel central no desenvolvimento das atividades relacionadas ao ensino no início do século XII, ensino esse realizado por intelectuais como Abelardo. Foi nesse período que observamos o nascimento do ofício de intelectual, enquanto indivíduo que se ocupava unicamente do estudo e do ensino. Esse personagem veio à tona com a revitalização das cidades (LE GOOF, 2006).

Quando empregamos o termo unicamente para falar a respeito de intelectuais nesse período, estamos fazendo essa afirmativa porque, antes do século XII, os indivíduos que se ocupavam dos saberes na Idade Média estavam nos mosteiros e não se ocupavam apenas de atividades como estudo e ensino. Esses personagens estudavam, mas também trabalhavam na terra e cuidavam das orações.

Dessa forma, o indivíduo que tinha por ofício estudar e ensinar encontra-se apenas no século XII, com as escolas urbanas. Temos, portanto, nesse século, a observação do surgimento da atividade que demarca o princípio do agir de um grupo de indivíduos ocupados com a pesquisa em certa medida.

Nesse sentido, ponderar a respeito do papel do intelectual na sociedade relaciona-se intimamente a maneira como o pesquisador, da área de história da educação, no caso de nosso estudo, conseguirá impactar a formação das mentalidades. Essa formação passa

exatamente pela maneira como o pesquisador lê sua fonte e, a partir disso, formula uma percepção do objeto estudado.

Consideramos dessa forma que “O intelectual é o sujeito responsável pela produção e ação da história” (OLIVEIRA; MENDES; SANTIN, 2016, p. 238). Com isso, ao adotarmos uma perspectiva que vise ter a História Social e o princípio de longa duração como base para a construção de nossos estudos, admitimos que o intelectual busque construir sua análise da fonte, visando constituir relações entre passado e presente, pois os acontecimentos não podem ser compreendidos de maneira isolada.

É preciso, assim, observar os processos de continuidade e descontinuidade do processo histórico, a fim de entender a construção da própria história que, é marcada por mudanças, rupturas, no entanto, dentro dessas mudanças, há muitas vezes, a manutenção de ideias, costumes, tradições que afetam de uma forma ou de outra o nosso presente.

Ante a isso e a reflexão que se propôs realizar, é necessário ter em vista que ao conduzir estudos relacionados à história da educação na Idade Média, estamos contribuindo para a difusão e construção da memória desse período histórico. Por isso, ao entrarmos em contato com aquilo que Marc Bloch chamou de ‘vestígios’, teremos de saber questionar essas marcas deixadas e produzidas por homens em outros momentos históricos que não o nosso.

Será o pesquisador que terá a incumbência de estudar e questionar a fonte ao qual seu estudo se destina. Mendes (2011) coloca as fontes escritas como as mais significativas para o desenvolvimento da pesquisa histórica. Assim, é o pesquisador quem transforma um dado documento ou objeto, entre outras coisas, em fonte.

Nesse sentido, é a concepção teórico metodológica que auxiliará a quem se debruça diante de estudos que envolvam a história, a justificar e compreender o processo descrito e apresentado ao longo de uma determinada pesquisa. Por isso, “[...] as diferentes maneiras de conceber a história podem ter concepções distintas de fontes” (MENDES, p. 206, 2011).

A leitura que construiremos das fontes será, então, formulada com os ‘olhos’ da fundamentação que o pesquisador escolher, para auxiliá-lo na elaboração da análise da fonte que, foi selecionada para a realização da pesquisa Ter domínio dessa característica resultará na constituição de pesquisas conscientes. Mendes (2011), assim, reitera que aquele que faz a análise da fonte, é crucial para compreensão e construção da história.

A fonte é, assim, “[...] uma construção do pesquisador” (RAGAZZINI, 2001, p. 14). É por meio dessa construção que poderemos analisar e construir uma determinada visão do passado ao qual nos remetemos.

Dessa forma, desenvolver pesquisas em história da educação relaciona-se muito mais ao presente do que ao passado. Estuda-se história a fim de responder questões relacionadas ao presente vivido e construído pelos homens, que são o objeto de estudo da história. Diante disso, deve-se ter em mente que, a compreensão do nosso tempo presente relaciona-se ao entendimento do continuum⁶, que é o tempo para as transformações humanas.

Se devemos ser leitores atentos para fazer a análise de nossa fonte, é preciso atentar-se também para os aspectos relacionados à linguagem que, por sua vez, estão ligados também ao exercício de escrita da história. Assim, “O passado não é só passado, é também, no seu funcionamento textual” (LE GOFF, 1990, p. 112). Serão as palavras portanto, mais especificamente os verbos conjugados que, transmitirão ao leitor o entendimento da construção do tempo histórico.

O processo inicial de leitura e de contato com as fontes nos possibilita conhecer o passado de certa forma. Esse conhecimento será guiado por meio da fundamentação teórica que auxiliará a compreensão e o questionar dessa mesma fonte. Por fim, o processo que se iniciou com a leitura ganhará circularidade quando da finalização ou desenvolvimento de uma pesquisa.

4 CONSIDERAÇÃO FINAIS

A leitura é uma atividade humana. Desenvolvida no início de nossa educação e aprimorada em nosso processo de formação. Enquanto profissionais da educação e formadores dos indivíduos, somos responsáveis por criar visões de mundo que possibilitem às pessoas compreendê-lo historicamente.

Nesse sentido, pensar a construção da história, que passa pelo emprego da análise das fontes, nos permite principiar o fazer histórico. Ao estudar história da educação e, no caso desse estudo, a formação dos leitores no século XII, procuramos tecer um breve

⁶ O termo continuum aqui empregado diz respeito à questão do tempo na história e, em que medida há relação entre os processos de rupturas e continuidades dos processos históricos nos quais os homens estão inseridos, tendo em vista que a compreensão dos fenômenos e acontecimentos na história não podem ocorrer de forma isolada ou apenas no momento em que aconteceram. É preciso assim, conhecer o processo por meio de uma característica totalizante da história. (BLOCH, 2001)

caminho que se relaciona a ter Abelardo como exemplo de mestre, preocupado com a maneira pela qual os estudantes percebiam os textos a eles direcionados.

Essa característica pode ser observada como atividade de um professor que atenta-se ao processo de aprendizagem pelo qual os alunos iriam transitar, tendo como primeiro motor a efetivação da aprendizagem e desenvolvimento da leitura.

Como fonte, o “Sim e Não” nos possibilita também auxiliar no enriquecimento do conhecimento relativo à história da educação na Idade Média, tendo em vista que essa obra, segundo Martines (2019), foi a precursora na sistematização do método de ensino escolástico, baseado na *quaestio* e, por conseguinte, na resolução e análise de asserções divergentes presentes em textos dos santos padres.

Ao construir trabalhos como esse, foi possível refletir a respeito da responsabilidade que os estudiosos do campo da história da educação tem para com a formação ou não, do conhecimento da sociedade a respeito do fenômeno educativo em um dado momento histórico que, no caso desse estudo, é um pequeno espaço de tempo da Idade Média, mas que poderia ser qualquer outro período.

Dessa forma, aqueles que se dispõem a estudar história da educação devem ter em mente que, suas pesquisas devem auxiliar o conhecimento que a sociedade possui sobre os períodos históricos e, a ação educativa que se deu nesses diferentes momentos, se não, corremos o risco de negligenciar e com isso produzir, mesmo que indiretamente, discursos e ações políticas que negam a própria história.

Ocupemo-nos, portanto, na busca do desenvolvimento de pesquisas que atinjam a sociedade e principiemos mudanças que partam de indivíduos que se conscientizam de seu papel social de formação, tendo em vista alcançar o agir das pessoas.

REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da história, ou, o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LE GOFF, Jacques. *Passado/Presente*. In: LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora Unicamp, 1990.

LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

MARTINES, P. R. O exercício da lectio na tradição medieval - *Lecturis salutem*. *Acta Scientiarum. Education.*, v. 41, e46791, 2019. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/46791/751375148606>. Acesso em: 07 jun. 2020.

MENDES, C. M. M. A importância da pesquisa de fontes para os estudos históricos. *Acta Scientiarum. Education. Maringá*, v. 33, n. 2, p. 205-209, 2011. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/14174/pdf>. Acesso em: 07 jun. 2020.

OLIVEIRA, T.; MENDES, C. M. M.; SANTIN, R. H. Contribuições de Jacques Le Goff para a História da Educação Medieval: “Totalidade” e Longa Duração nos estudos sobre os intelectuais. *Revista Brathair, São Luís*, v. 16, n. 2, p. 235-250, 2016.

PEDRO ABELARDO. *Sic et Non*. In: DE BONI, Luís Alberto. (Org.). *Filosofia Medieval*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.

RAGAZZINI, Dario. Para quem e o que testemunham as fontes da história da educação? *Educar, Curitiba*, n. 18, p. 13-28, 2001.

SANTIN, Rafael Henrique. *Introdução*. In: SANTIN, Rafael Henrique. *A proposta tomasiana para a formação do educador no ocidente medieval do século XIII: o intelecto como princípio essencial da sabedoria magistral*. Tese. (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, 2018. f. 12-31.

SILVA, Pedro Rodolfo Fernandes da. *O Sic et Non e a leitura histórico-crítica*. In: SILVA, Pedro Rodolfo Fernandes da. *A intentio dos atos humanos no Scito Te Ipsum de Pedro Abelardo*. Dissertação. (Mestrado em Filosofia) – Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008. f. 27-29.